

O amigo libanês de Manuel Dias Loureiro

O CASO

Judiciária investiga na Madeira seis dirigentes sobre “Apito Dourado”

Seis dirigentes desportivos da Madeira foram ontem ouvidos pela Polícia Judiciária no Funchal, no âmbito do processo de corrupção e tráfico de influências no futebol “Apito Dourado”. Os agentes da brigada da Direcção Central de Investigação e Combate ao Crime Económico e Financeiro efectuaram também buscas a sedes de clubes madeirenses, nomeadamente à do Clube Desportivo Nacional e da Associação Desportiva de Machico, um mês depois de terem recolhido documentação na sede da SAD do Marítimo.

António Henriques, vice-presidente do conselho de arbitragem suspenso, foi inquirido, ontem de manhã na qualidade de arguido neste processo, na continuação do inquérito a que a juíza de instrução o submeteu no início da operação desencadeada em Gondomar, a 20 de Abril de 2004. Sob este antigo presidente do Marítimo pesam as suspeitas de crimes de corrupção passiva para acto ilícito, de falsificação de documentos e de abuso de poder sob a forma continuada.

Carlos Pereira, presidente do Marítimo, António Manuel, presidente da Associação Desportiva Pontassolense, Ismael Fernandes, presidente da Associação Desportiva da Ribeira Brava, e José Belo, presidente da Associação Desportiva de Machico, terão sido ouvidos ontem no Funchal como testemunhas. Segundo o inspetor da PJ Calado Oliveira, outras pessoas foram ou estão a ser ouvidas, no “conjunto de diligências no âmbito do processo ‘Apito Dourado’”.

Sem revelar pormenores sobre o inquérito de ontem, o presidente do Marítimo, Carlos Pereira, à saída das instalações da PJ adiantando aos jornalistas que foram “poucas as questões suscitadas” pelos investigadores sobre a arbitragem, tendo respondido “a todas na íntegra”. Por seu lado, João Belo disse nada temer sobre as diligências que incluíram investigações efectuadas na sede do clube a que preside, a Associação de Machico.

Há quase um mês, a 17 de Janeiro, a PJ efectuou uma investigação na sede da SAD do Marítimo, em São Martinho, da qual resultou a recolha de documentação sobre a gestão do clube. A investigação poderá não estar relacionada com a operação “Apito Dourado”, mas com a alegada existência de “contratos paralelos”, referida num processo julgado pelo Tribunal do Funchal, tendo o clube e o seu ex-treinador por opositores.

O presidente do governo autónomo da Madeira, Alberto João Jardim, pronunciou-se ontem, depois de mais uma inauguração de um caminho rural, sobre as investigações em curso na região, declarando-se “atento apenas aos ‘timings’ da Polícia Judiciária”. “Não percebo por que é que estas coisas acontecem sempre antes das eleições”, disse o governante, advertindo que, “se a PJ adoptar um comportamento de polícia política, vai sofrer as consequências”.
TOLENTINO DE NÓBREGA

AS REVELAÇÕES DE “LOS PPIJOS”

Um livro publicado em Espanha revela as ligações entre Dias Loureiro e um libanês íntimo dos círculos de José Maria Aznar, amigo do Rei e também citado como “traficante de armas”

Por Cristina Ferreira

Num livro publicado em Espanha em 2004, o dirigente social-democrata Manuel Dias Loureiro surge como sócio do libanês Abdul Rahman El-Assir, ali citado como “traficante de armas”, e, segundo a imprensa internacional, uma das personalidades mencionadas na mega-investigação que nos anos 80 envolveu um banco ligado ao narcotráfico internacional. Em declarações ao PÚBLICO, Dias Loureiro explicou que deu já indicações a um advogado, em Espanha, para impedir que em futuras edições o seu nome continue a constar como “sócio” de El-Assir, mas reconhece que o empresário o ajudou “a resolver um negócio em Marrocos” e admite manter com ele uma relação de amizade, tendo sido por seu intermédio que conheceu o Rei de Espanha, Juan Carlos.

“Logo que tive conhecimento da existência desse livro, procurei agir de modo a repor a verdade dos factos e a evitar que em futuras edições essa mentira fosse repetida”, disse ao PÚBLICO Dias Loureiro, 54 anos, quando confrontado com a informação de que seria sócio de Abdul Rahman El-Assir, conforme consta da obra publicada em Espanha, com o título “Los PPIjos”. Os autores, os jornalistas Carlos Ribagorda e Nacho Cardero, analisam uma nova geração de políticos/homens de negócio do Partido Popular espanhol, à volta dos 40 anos, agrupada em torno de Alejandro Agag,

genro de José Maria Aznar. À data da edição do livro, Agag era oficialmente colaborador do Banco Português de Negócios (BPN), de que é accionista Dias Loureiro.

Após tomar conhecimento da publicação de “Los PPIjos”, conta o dirigente social-democrata, que encarregou o professor de Direito Penal da Universidade de Valência Javier Beox de accionar os procedimentos necessários a clarificar o seu relacionamento com o libanês. Em declarações ao PÚBLICO, Beox confirmou ter “interposto” um requerimento notarial a solicitar a correcção apenas da informação constante em “Los PPIjos”, que indica o seu cliente como “sócio” de El-Assir. Isto, por se entender que a alusão “afecta o seu bom nome”. O notário pode aceitar o pedido de Dias Loureiro ou recusá-lo. “[Se for assim], afirma o ex-deputado, depois decidiremos.”

O amigo libanês

Contactado telefonicamente pelo PÚBLICO El-Assir afirmou não ter qualquer ligação empresarial com Dias Loureiro, que “é apenas um grande e bom amigo”. O empresário libanês confessou não ter lido “Los PPIjos”, considerando que “nem tudo o que se escreve é verdade”.

A imprensa espanhola (“El Mundo”, 16/05/04) menciona o facto de El-Assir, de 54 anos, e com nacionalidade espanhola, estar proibido de entrar na Suíça e

nos EUA, uma informação que o empresário contesta, adiantando que tem naquela localidade “residência” e mais de três mil empregados nos EUA, onde é proprietário de uma petrolífera, Gulf. O seu nome consta ainda de vários textos publicados nos últimos anos em “sites” internacionais como tendo estado associado ao escândalo que envolveu nos anos 80 o Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI), com sede no Panamá, instituição que foi acusada de ligações ao narcotráfico mundial. Nos EUA, esta investigação foi liderada pelo ex-candidato presidencial John Kerry. Confrontado com o facto, El-Assir assegura apenas que “nunca teve nenhuma conta pessoal ou empresarial no BCCI”.

Dias Loureiro disse ao PÚBLICO que não é “sócio” de El-Assir e “nada” saber “sobre o seu passado”. “Não tenho quaisquer razões para pensar mal dele. O seu círculo de amigos é gente respeitável, ele sempre me tratou bem, com amizade e respeito”, notou. “[E ainda recentemente] ajudou um meu amigo a entrar em contacto com um médico em Inglaterra.”

O ex-deputado ao ser contactado pelo PÚBLICO considerou que o assunto é muito delicado, reconhecendo que mantém uma relação de amizade com

o libanês, mas “apenas desde 2001”, ano em que este o “ajudou a resolver um negócio em Marrocos”, onde estavam “a EDP, a Pleiade e o grupo espanhol Dragados” e ainda um sócio marroquino. Em causa esteve a venda da marroquina Redal (concessão de distribuição de água, de electricidade e de saneamento básico), de que Dias Loureiro era presidente, ao grupo francês Vivendi. Segundo o ex-ministro foi El-Assir que o “pós em contacto com um responsável de Rabat”, o que possibilitou “ultrapassar alguns obstáculos de ordem burocrática” e viabilizar o negócio com os franceses.

O social-democrata conta ter sido apresentado ao empresário libanês por “um cunhado dele”, “amigo [de Dias Loureiro] e casado com a irmã da actual mu-

Dias Loureiro diz que é apenas amigo do empresário libanês



Advogado pede correcção ao livro

Dias Loureiro explicou ao PÚBLICO: “Foi um amigo, Antoni Asuncion” [ministro do Interior de Espanha em 1994, quem me] chamou a atenção para o facto de o meu nome constar [da publicação ‘Los PPIjos’, o] que desconhecia.” O contacto, disse, ocorreu por volta de 8 de Novembro, oito meses após o livro ter sido editado. Dois dias depois Dias Loureiro entrou em contacto com um advogado para “repor a verdade”.

O actual presidente da mesa da assembleia geral do PSD conta que foi Asuncion que lhe

sugeriu que procurasse Javier Beox. “[Na altura], manifestei logo vontade de colocar um processo contra os autores de ‘Los PPIjos’ por difamação”, disse Dias Loureiro, admitindo ter sido “aconselhado a não o fazer, já que não havia ali um crime, mas apenas uma inexactidão”, pois não é “sócio” de El-Assir, apenas seu amigo. “Nunca fui sócio dele, não sou, nem serei”, assegurou ao PÚBLICO. “[Foi por esta razão que] solicitei que em próximas edições o meu nome deixe de constar do livro enquanto sócio de El-Assir.”